



FACULDADES MAGSUL

JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA

**AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CORONEL SAPUCAIA-MS**

PONTA PORÃ-MS
2019

JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA

**AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CORONEL SAPUCAIA-MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Silvano Ferreira de Araújo

PONTA PORÃ-MS
2019

JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA

**AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CORONEL SAPUCAIA-MS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora das
Faculdades Magsul, como exigência
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Silvano Ferreira de Araújo
Orientador
Faculdades Magsul

Prof. Esp. Leandro Lima Amaro
Examinador
Faculdades Magsul

Ponta Porã-MS, 03 de dezembro de 2019.

“Querido Deus, graças Te dou por me ouvir, me guardar e por fazer de tudo para me ver sorrir” (Salmo 64).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por me abençoar todos os dias, me iluminando para a realização de um sonho, concluindo mais uma etapa da minha vida.

Quero agradecer principalmente a minha família, meu pai e minha mãe que não mediram esforços para que essa conquista pudesse ser alcançada, dando todo apoio e suporte necessário, sempre me incentivando a superar os obstáculos, em especial “Paulo e Eli, razões da minha vida, minha força, minha inspiração...”;

Ao meu namorado, Leonardo de Souza, que durante todo curso me ajudou, companheiro de todos os momentos, não importando à hora. Obrigado por me incentivar sempre que preciso, por me dar forças para continuar e querer sempre mais;

As minhas amigas que me suportaram todos os dias, que sempre estiveram ao meu lado, companheiras de trabalhos acadêmicos, de aulas práticas, entre outros, e pela amizade que levarei para o resto da minha vida;

Aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física das Faculdades Magsul pela dedicação a nos transmitir, da melhor forma possível, seus conhecimentos tão valiosos, especialmente ao Professor Silvano Ferreira de Araújo por tanto ter contribuído na construção deste trabalho;

Enfim, a todos que direta ou indiretamente me adicionaram algo e me auxiliaram a chegar até este inesquecível momento. Obrigado de coração a todos!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar a aplicação das Práticas Corporais na Natureza (PCN) pelos professores nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Coronel Sapucaia-MS. Por meio de pesquisa de campo, tendo como instrumento de coleta a aplicação de questionário qualitativo para quatro professores de Educação Física, no intuito de aferir a inclusão/não inclusão das práticas como conteúdos nas aulas de Educação Física e qual o nível de conhecimento dos professores, além de problematizar a importância desse conteúdo nas aulas. Constatou-se que as PCN visam aulas de Educação Física diferenciadas, nas quais o contato com a natureza proporciona aos praticantes a descoberta dos valores que a natureza oferece, trabalhando, principalmente a importância da preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Educação Ambiental; Práticas Corporais na Natureza.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AFA	Atividades Físicas de Aventura
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCN	Diretrizes Nacionais Curriculares
ER	Esportes Radicais
LDB	Lei das Diretrizes e Bases
PCANs	Práticas Corporais de Aventura na Natureza
PCN	Práticas Corporais na Natureza
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
SGS	Sistema de Gestão de Segurança

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação das práticas corporais de aventura.....34

Quadro 2: Exemplo de perigos e riscos da atividade de rapel.....39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Educação Física Escolar num modelo de Educação Ambiental.....	21
Figura 2: Cinco passos da Gestão de Riscos.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Você já ouviu falar em Prática Corporais na Natureza ou Esportes Radicais nas aulas de Educação Física?.....	41
Gráfico 2: Você gostaria de incluir as Práticas Corporais na Natureza, como conteúdo, nas aulas de Educação Física? Por que?.....	42
Gráfico 3: Você considera que o conteúdo seria aceito pelos alunos e pela direção da escola?.....	43
Gráfico 4: Práticas Corporais na Natureza viável para aplicar nas aulas de Educação Física.....	44
Gráfico 5: Em sua matriz curricular tinha como componente a disciplina de Práticas Corporais na Natureza?.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA COMO FATOR MOTIVACIONAL PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	13
1.1 Educação Ambiental na Educação Física	17
1.2 A relação sociedade e natureza	22
2 PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS	27
2.1 Conteúdos adaptados e esportes radicais nas aulas de Educação Física.....	29
2.2 Proposta de práticas a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física	32
2.3 Riscos de acidentes e segurança.....	36
3 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PESQUISADA	40
3.1 Caminhos e metodologia da Pesquisa	40
3.2 Apresentação e análise dos dados coletados	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	
Apêndice “1” - Ofício encaminhado à escola	
Apêndice “2” - Termo de Compromisso da Instituição Escolar	
Apêndice “3” - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
Apêndice “4” - Questionário para Professores	

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo verificar a aplicação das práticas corporais na natureza pelos professores nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Coronel Sapucaia-MS.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira foi recorrer aos referenciais teóricos para sustentar a segunda etapa, a pesquisa de campo, que foi realizada com a aplicação de questionários aos professores de Educação Física da referida escola.

Nos dias atuais os professores trabalham com seus alunos apenas atividades repetitivas, monótonas, tornando as aulas de Educação Física cansativas e sem variações. As práticas corporais na natureza são um ótimo método para expor atividades interessantes aos alunos, para que assim criem novas descobertas e vivências. As atividades desenvolvidas em contato com a natureza proporcionam aos praticantes a descoberta dos valores que a natureza oferece, trabalhando a importância da preservação do meio ambiente, assim os alunos acabam conhecendo uma nova cultura, por meio de atividades de práticas corporais na natureza.

Para contribuir com aulas diferenciadas de Educação Física e promoção da qualidade de vida, o professor poderá desenvolver as práticas corporais na natureza, sendo o profissional responsável por metodologias de inclusão de todos os alunos.

A escola escolhida para esta pesquisa atende aos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo do 1º ano ao 5º ano. Foi realizada uma visita prévia à direção da escola para fazer o pedido de estudo com os Professores de Educação Física. Após autorização, foi elaborado o questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha, que foi entregue aos Professores. A partir dele, buscou-se compreender qual a importância das práticas corporais serem desenvolvidas nas aulas, qual o nível de conhecimento do professor em relação a essas práticas e se elas são trabalhadas em aulas.

O trabalho foi dividido em três partes, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na primeira parte apresenta-se o Referencial Teórico que embasou a pesquisa, destacando as práticas corporais na natureza como um fator motivacional para a preservação do meio ambiente, suas origens e conceitos, e a

relação da sociedade com a natureza; na segunda verificam-se às possibilidades pedagógicas de desenvolver essas práticas nas aulas, trabalhando com os esportes radicais de maneira adaptada, riscos e acidentes durante a realização das atividades; e na terceira parte, encontram-se os resultados da pesquisa de campo, bem como a análise dos dados obtidos, objetivando compreender como os sujeitos da pesquisa (professores) percebem a importância das práticas corporais na natureza serem trabalhadas nas aulas.

1 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA COMO FATOR MOTIVACIONAL PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Sempre existiram práticas corporais desenvolvidas na natureza, como os banhos de mar, de rio, lagos, passeios a cavalo, acampamentos. De acordo com Dalben (2015) estas atividades se constituem como construções históricas da relação entre a natureza e o homem. Já Cantorani e Pilatte (2005) ressaltam que apesar de já existirem essas práticas corporais há muito tempo, elas não poderiam ser denominadas de esportes de aventura, por não serem atividades realizadas com o mesmo sentido que é atribuído hoje.

Franco *et. al* (2014) defendem o surfe como precursor das práticas corporais de aventura, tendo a sua origem por volta do século XVIII, difundido pelo havaiano Duke Kahanamoku. A partir deste esporte, outros envolvendo a prancha também foram desenvolvidos. Segundo Dalben (2015) durante o século XIX, eram utilizados elementos da natureza como curativos na medicina natural, em que as práticas corporais se encontram vinculados, empregadas em estabelecimentos médicos localizados em pequenos vilarejos, em que os tratamentos deveriam ser harmoniosos com o meio natural, executados nos sanatórios.

Corbin (1987, *apud* DALBEN, 2015) tendo a possibilidade de o corpo entrar em contato com os elementos da natureza, despertou sensações pouco percebidas antes, levando-o a descoberta das possibilidades de divertimento na natureza, construindo assim uma nova forma de desfrutar das paisagens por meio das práticas corporais.

Ao considerar o surgimento das práticas corporais, deve ser refletida a presença dos homens nas cavernas, em que havia travessias nas montanhas, entre outros, percebendo-se assim que essas atividades acompanharam e vêm acompanhando o desenvolvimento da humanidade.

Muito se é discutido sobre as terminologias em relação a estas práticas realizadas no meio natural, pois são utilizadas diferentes palavras, de acordo com os autores pesquisados, porém com o mesmo sentido. No entanto, por meio das expressões é possível ter uma percepção sobre os limites e as possibilidades da vida de um indivíduo, em que estas não se dissociam do contexto social, político e econômico.

Inácio (2013) afirma que a terminologia mais adequada é “Práticas corporais de aventura na natureza” (PCANs);

[...] o conceito de PCANs é uma adaptação para o contexto brasileiro do conceito Atividade Física de Aventura na natureza - AFANS. Ao falar de adaptação, não em crítica, porque há um entendimento diferenciado dos conceitos brasileiros e espanhol de atividade física. Na Espanha, “atividade física”, o entendimento geral do termo se aproxima bastante do que chamo aqui de práticas corporais, e se afasta do uso brasileiro, o qual exprime ações mais ligadas ao exercício físico voltado para a saúde (INÁCIO, 2013, p. 5).

Utiliza-se a expressão “Práticas Corporais” ao invés de “Atividade Física”, pois esta última dá a entender certa restrição ao indivíduo, enquanto a primeira possibilita um entendimento mais amplo das dimensões do ser humano.

Ainda se referindo ao termo PCANs, Inácio, Moraes e Silveira (2013, p. 6) tratam da expressão aventura como sinônimo de brincadeira, travessia, como uma mudança positiva, fazendo com que o sujeito adquira novos valores. E através dessas práticas, buscar não apenas aventura, mas também superação, companheirismo, diversão, alegria, prazer, solidariedade, cooperação, compreensão da realidade e outras sensações e sentimentos.

Ao buscar soluções e conscientização dos sujeitos diante das necessidades, são trabalhados os temas transversais que contemplam os problemas da sociedade, principalmente nas escolas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), (BRASIL, 1998) citam como temas transversais a Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, como também Trabalho e Consumo. Sendo possível identificar outros temas, de acordo com cada contexto. No entanto esses temas são propostos para toda a escola, devendo ser tratados por todas as disciplinas escolares, inclusive pela Educação Física.

Por meio dos temas é possível integrar uma série de conhecimentos de diferentes disciplinas, que contribuem para a construção de instrumentos de compreensão e intervenção na realidade em que vivem os alunos. Ainda nos PCNs (BRASIL, 1998 *apud* SILVA, 2017):

A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola

propicia aos alunos e o - contato intelectual com tais valores (SILVA, 2017, n. p.).

Ao trabalhar com os temas transversais, uma área enriquece o conhecimento sobre a outra e o resultado é a construção de um saber mais complexo e menos fragmentado, tornando assim interdisciplinar, buscando trazer mais nexos para o estudante, visto que pesquisou e discutiu sobre diferentes pontos de vista.

Rodrigues e Galvão (2015 *apud* DARIDO; RANGEL, 2015) relatam que estes temas são de urgência no país, e que são processos vividos em diferentes lugares pela sociedade, se tornando questões importantes da realidade social que necessitam ser refletidos, criticados e problematizados pelos sujeitos.

Devido a importância dos temas transversais para as transformações sociais, Busquets *et. al* (1998) defendem a proposta de que este deveria ser o centro das preocupações do currículo, no qual os conteúdos escolares devem ser tratados como um meio para a reflexão diante dos problemas.

Os temas transversais destinam-se a superar alguns efeitos perversos – aqueles dos quais a sociedade atual se conscientizou que, junto com outros de grande validade, herdamos da cultura tradicional. Estas questões devem ocupar um lugar secundário no ensino só por que não faziam parte das preocupações da ciência clássica? Se fizéssemos isso estaríamos concedendo mais importância às preocupações do passado que às do presente, isto é, estaríamos vivendo e educando com o olhar voltado para trás. Introduzir no ensino as preocupações mais agudas da sociedade atual não significa deslocar as matérias curriculares, embora a vigências e a adequação de muito de seus conteúdos sem dúvida deverão ser revisadas, em alguns casos porque são de valor formativo duvidoso e em outros porque contradizem claramente os princípios subjacentes aos temas transversais (BUSQUETS *et. al*, 1998, p. 36).

Já a discussão a respeito dos temas transversais na Educação para Araújo (1998 *apud* DARIDO, 2015) surgiu a partir de questionamentos feitos por grupos organizados em diversos países sobre o papel da escola dentro de uma sociedade globalizada e quais assuntos priorizar dentro da sala de aula. Por que algumas disciplinas escolares, como Português e Matemática, são mais privilegiadas? Qual é a origem dos conteúdos? Haveria outras possibilidades de se pensar na escola?

De acordo com Busquets *et. al* (1998), as matérias curriculares girarão em torno dos temas transversais se forem trabalhados como o centro das temáticas,

adquirindo assim, tanto para os professores quanto para os alunos, o valor de instrumentos necessários para que desenvolvam a capacidade de pensar e de compreender adequadamente o mundo que nos rodeia.

O trabalho com os temas sociais na escola deve envolver toda a comunidade escolar, fazendo com que criem reflexões sobre os objetivos a serem alcançados, de forma que definam princípios comuns em torno do projeto a ser desenvolvido, tanto no ambiente escolar como na sociedade, atingindo e mobilizando assim, toda a comunidade.

Desse modo, a Educação Física, sendo disciplina obrigatória, estando integrada à proposta pedagógica da escola, poderá abordar nas suas aulas a inclusão dos temas transversais, conforme a Lei das Diretrizes e Bases (LDB, 1996).

Na Educação Física tem-se a necessidade e a importância de tratar desses temas para reflexão sobre estes problemas, possibilitando ao aluno o entendimento da realidade social, interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social.

É importante salientar que as aulas de Educação Física não têm como objetivo apenas ensinar táticas e técnicas, mais do que isso, significa oferecer uma formação ampla voltada à formação do cidadão crítico, criando possibilidades que, durante e após as suas práticas, os alunos possam usufruir do esporte para o lazer, a melhoria da qualidade de vida e a reflexão, tendo condições de reivindicar espaços de lazer, repudiar formas de violência no esporte e na sociedade, criticar o uso dos anabolizantes no esporte e na atividade física, compreender o papel do futebol na cultura brasileira, cuidar do meio ambiente, respeitar diferentes grupos étnicos, e compreender diferenças entre homens e mulheres.

Para melhor entendimento das manifestações da Cultura Corporal do Movimento, é preciso que o tratamento transdisciplinar que envolve as questões relacionadas com a Educação Física sejam articulados para que os diferentes focos de análise deem a identidade à área. Por exemplo, é necessário entender no esporte, questões que envolva a biologia relacionada à nutrição, o gasto energético, fatores que ligam o exercício as lesões, o desenvolvimento das capacidades e a melhoria da qualidade de vida.

Com isso, Marinho (2004) enfatiza que a Educação Física pode a partir da experiência na natureza (longe das quadras, dos ginásios, das piscinas, etc.),

potencializar estratégias de ação para desenvolver nos alunos habilidades motoras e capacidades físicas. A autora também descreve sobre os conteúdos dos cursos de formação em que as atividades na natureza possam ser inseridas, privilegiando esta nova demanda relacionada ao lazer e à natureza.

Às vivências em atividades de aventura, pode influenciar as condutas humanas e interferir diretamente em mudanças axiológicas, no âmbito da reflexão proposta, podendo implementar o lazer ativo e a melhoria nos níveis de saúde e qualidade de vida (SCHWARTZH, 2005, p. 29).

A associação do lazer, do esporte e do turismo à natureza estimulam as pessoas a optarem por aderir determinadas atividades no contexto do lazer, com foco nos motivos psicológicos, ambientais, sociais e genéticos, conforme evidencia Marinho (2004). Portanto, como um dos focos fundamentais para a construção deste trabalho, englobando os temas transversais, será apresentado e discutido a Educação Ambiental.

1.1 Educação Ambiental na Educação Física

Para iniciar esta seção, é importante e necessário conhecer a história da educação ambiental, seus primeiros conceitos, reuniões para discussões sobre o meio ambiente, entre outros.

No entanto, antes de qualquer prática na natureza, os alunos devem saber o real valor que o meio ambiente proporciona. Saber também da importância da natureza perante o mundo em que vivemos e o benefício proporcionado para a nossa sobrevivência.

Segundo Andrade, Soares e Pinto (1996) a primeira reunião das nações aconteceu em 1972, em Estocolmo/Suécia, preocupados com a ação do homem nos ecossistemas, deu-se naquele momento o início da discussão sobre a preservação do meio ambiente.

Entretanto, apenas contar a história do movimento ecológico não adianta se as pessoas não se preocuparem com o equilíbrio da natureza. Cada indivíduo tem a capacidade de saber lidar com o meio ambiente, bem como aprender qual a melhor forma de preservá-lo. É preciso que o ser humano pare de agredir a intimidade da

natureza. Esta é uma questão de salvação do planeta, ou seja, de nossa própria sobrevivência.

Dias (2001) afirma que a educação ambiental tem como finalidade compreender a existência e a importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, valores e atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental, conseqüentemente resultando na melhoria da qualidade de vida.

Educação Ambiental é uma dimensão da educação, sendo uma atividade intencional da prática social que confere ao desenvolvimento do indivíduo um caráter social em relação à natureza e a outros sujeitos (TALAMONI; SAMPAIO, 2003), na qual é considerada, ainda, como uma prática pedagógica, buscando soluções para problemas.

É muito comum confundirem a definição do ensino de ecologia e de educação ambiental, que embora próximos, são bem distintos, podendo ser as definições as mais variadas possíveis, de acordo com a fonte de consulta. Reigota (2009) define meio ambiente como:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constantes interações com aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade (REIGOTA, 2009, p. 36).

É papel fundamental da educação, a formação de indivíduos conscientes e críticos, portanto quando se trata de educação ambiental, é uma conscientização sensibilizada com os problemas socioambientais, voltados para um equilíbrio do meio ambiente, segundo WEID (1997, p. 73 *apud* Talamoni e Sampaio, 2003, p. 22).

Todos têm direito a educação ambiental como parte do processo educativo, sendo necessário saber lidar com os propósitos ambientais, pois vivemos no meio ambiente e temos que aprender a ter como cultura cultivar e expandir importâncias e interesses que a natureza nos fornece. Conforme a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) (BRASIL, 1999):

A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em

todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL,1999).

Desde as creches aos cursos de pós-graduação são locais privilegiados para a realização da educação ambiental, dando assim oportunidades à criatividade, ao debate, a pesquisa e a participação de todos. Os meios de comunicação de massa também, quando divulgam filmes, reportagens, entre outros, fazem um papel educativo importante.

Nos PCNs o meio ambiente foi considerado um tema transversal, tratando a educação ambiental como uma perspectiva educativa presente em todas as disciplinas, focando nas relações entre a humanidade e o meio natural e a relações sociais.

São objetivos fundamentais da educação ambiental:

- I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;
- II - a garantia de democratização das informações ambientais;
- III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;
- IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;
- V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;
- VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia (BRASIL, 1999).

Na educação escolar se deve enfatizar o estudo do meio ambiente para a contribuição da formação de cidadãos conscientes, aptos para decidir e atuar na realidade do seu meio, com o bem-estar de cada um e da sociedade. Priorizando assim trabalhar com o cotidiano do aluno, fazendo levantamentos dos principais problemas dentro da comunidade, criando possíveis soluções.

Não é priorizada a transmissão de conceitos específicos, no entanto, é indicado o conteúdo originado do levantamento da problemática trazido pelos alunos de seu cotidiano e que queiram resolver, que são conteúdos diversos, como:

saneamento básico, extinção de espécies, poluição em geral, efeito estufa, biodiversidade, reciclagem de lixo doméstico e industrial, energia nuclear, entre muitos outros.

Cabe à escola proporcionar um ambiente escolar saudável e coerente com o que deseja transmitir aos seus alunos, para que de fato, possa contribuir com a formação da identidade de um cidadão consciente de suas responsabilidades e capazes de ter atitudes para a melhoria da sua qualidade de vida e da sociedade.

Na área da Educação Física, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (BRASIL, 1999), indicam a necessidade de implantação da educação ambiental, dando incentivo ao conhecimento de modo transversal. Em que há o interesse por temas como a cultura, o corpo, natureza, turismo e lazer.

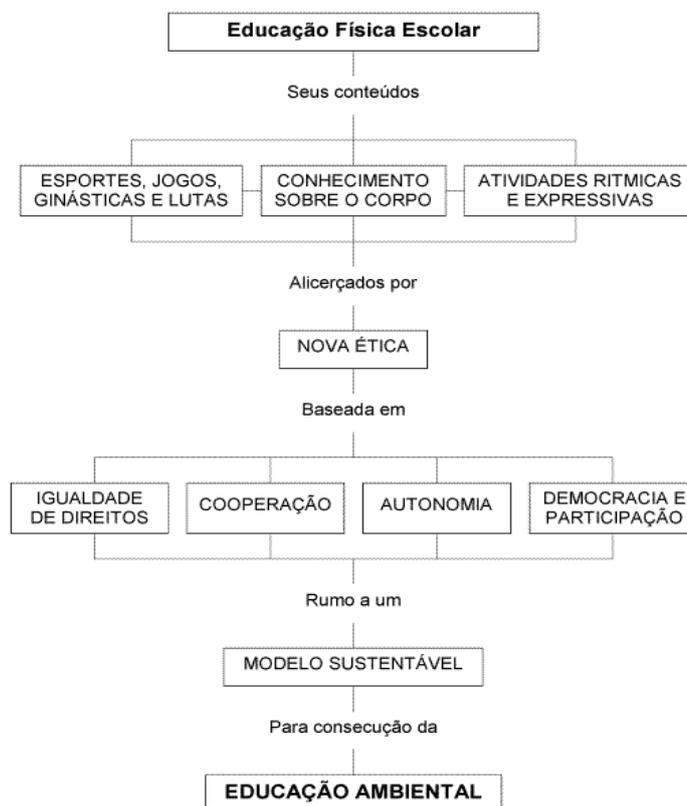
Nos mais variados níveis de formação escolar e não escolar, as contribuições da Educação Ambiental abrem possibilidades para ações articuladas em áreas distintas, não podendo ser assimilada como uma ação isolada, sendo apenas disciplinar. No entanto, pode-se pensar desde a formação dos professores de Educação Física voltada para uma formação ambientalista, buscando soluções no campo da educação. Entretanto, nas grades curriculares dos cursos de Educação Física, muitas vezes, são fragmentadas, com disciplinas isoladas, não tendo o trabalho pedagógico em relação à educação ambiental.

Nos dias de hoje as universidades estão cada vez mais atualizadas, buscando sempre a formação de profissionais qualificados, onde na área da Educação Física, buscam-se convicções ambientais e proteção do meio ambiente, por realizar suas atividades ao ar livre, havendo o contato direto com o meio natural. Isso faz com que os professores tenham consciência do quanto é importante trabalhar esses temas em suas aulas para melhoria da qualidade de vida dos seres, já que um dos propósitos da disciplina é promoção da qualidade de vida.

A Educação Física possui seus conteúdos, sendo os três blocos que se inter-relacionam de acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), devendo ser desenvolvido a partir de sua categoria conceitual (fatos, princípios e conceitos), procedimental (saber-fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes), relacionando estas intenções com o ser humano, natureza e a sociedade. Segundo Guimarães (2000), estas relações devem ser baseadas em uma ética, tendo papel de fundamental importância na Educação Ambiental, pois o seu conjunto de regras e valores,

determina os julgamentos e ações humanos, conforme podemos observar no esquema ilustrado da Figura 1:

Figura 1 - A Educação Física Escolar num modelo de Educação Ambiental



Fonte: VARGAS; TAVARES (2004, n. p.)

Tavares (2002) afirma que para a implementação de uma Educação Física Escolar nos moldes da educação ambiental é necessário:

[...] Que os conteúdos dirigidos pela primeira estejam de acordo com os princípios norteadores da segunda. Para tanto fundamentaremos nossa proposta objetivando alguns destes, definidos como cooperação, igualdade de direitos, autonomia, democracia e participação. Assim sendo a prática diária do professor deverá conduzir para estes, onde o modo de se trabalhar cada um dos conteúdos, mais do que sua seleção deverá estar imbuída por uma consciência meio ambiental (TAVARES, 2002, n. p).

Enquanto campo de atuação profissional, a Educação Física pode contribuir com ações ambientais, alterando a relação do ser humano com a natureza. Por meio das experiências vividas na natureza (longe das quadras, dos ginásios, das piscinas,

etc.), pode desenvolver nos alunos habilidades motoras, capacidades físicas, e até mesmo fundamentos esportivos específicos, de acordo com Marinho (2004). Tais atividades podem ser utilizadas para atingir uma variedade de objetivos educacionais, oportunizando diferentes níveis de desenvolvimento: coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação), pessoal (auto-estima), cognitivo (tomadas de decisão e resolução de problemas), físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras), podendo também, serem utilizadas como atividades de lazer, com fim em si mesmas.

Uma possibilidade de integrar estes assuntos é trabalhar com projetos interdisciplinares, como já citados, incluindo saberes tradicionais, ampliando e enriquecendo a formação de novos cidadãos na direção do compromisso ético.

Recentemente as escolas também estão buscando se atualizar e procurar informações, instigando seus alunos com discussões sobre esses temas transversais, principalmente o meio ambiente, sendo essencial para a sobrevivência do ser vivo, no qual, professores e alunos constroem projetos dentro do ambiente escolar, integrando práticas às noções teóricas aprendidas em sala.

A implantação da educação ambiental no contexto escolar por meio da Educação Física só será viável com a cooperação social de todos da comunidade escolar, trabalhando com a interdisciplinaridade, envolvendo todas as disciplinas, buscando soluções para a problemática do meio ambiental.

Vale lembrar que a educação ambiental segundo Reigota (2009), é uma perspectiva pedagógica e não uma disciplina propriamente dita. Porém nos dias atuais já existem muitos debates para a implementação da educação ambiental como disciplina, buscando assim estabelecer um laço entre a sociedade e a natureza.

1.2 A relação sociedade e natureza

A existência desta relação acontece desde as primeiras civilizações, sendo formas pelas quais as ações humanas transformam o meio ambiente e utilizam-se deste para o seu desenvolvimento. Entretanto, faz-se importante entender a interação entre natureza e ação humana, pois mesmo com a evolução tecnológica, a transformação e utilização da natureza continuam de fundamental relevância.

Talamoni e Sampaio (2003, p. 43) apontam que, de acordo com Descartes, a realidade só poderia ser entendida se fosse compreendido todo seu percurso histórico e o raciocínio deveria ser pensado sem falhas e erros. Há três tendências descritas pelo autor de uma educação para a ciência, em que a primeira consiste na separação entre a natureza e o homem, de forma que se deve primeiro compreendê-la antes de domina-la, sem ignorar a condição de ser humano. A segunda é a fragmentação da condição humana, passando a desconsiderar muitas questões de sua existência, e assim fazer com que a razão domine a emoção, os sentimentos e a intuição. A terceira tem relação com a fragmentação dos elementos da natureza, em que se tornaram independentes.

Está se tornando cada vez mais complexa a influência da ação humana sobre o processo natural. Isso acontece de muitas formas e perspectivas, como é o caso das consequências geradas pelo desmatamento, retirada de recursos do solo, alterações das formas de relevo para cultivo, entre muitos outros.

No entanto, deve-se considerar que a natureza também gera impactos sobre a sociedade, sendo o espaço natural um meio dinâmico e ativo. Fazendo-se necessário compreender que este impacto só irá acontecer se provocado, sendo o homem um dos maiores causadores desta reação. Segundo Arendt (1972 *apud* TALAMONI e SAMPAIO, 2003) o homem nada constrói se não houver destruição da natureza.

Com o desenvolvimento da Revolução Industrial, após o século XVIII, os impactos na natureza causados pela sociedade se intensificaram, propiciando fatores que desencadeou a aceleração na geração de impactos ambientais.

Respalado no pensamento grego cristão, encontra-se o predomínio do humano sobre a natureza e fundamenta-se a ideia dominante de separação entre o natural e o humano. A natureza só passa a ser compreendida como recurso ou bens naturais a partir da modernidade. Com isso o ser humano se deu o direito de domar a natureza, vendo o meio natural como uma máquina, um mecanismo a ser controlado, separando assim a cultura humana da natureza.

Ao eleger a espécie humana como centro da evolução do universo, o pensamento científico moderno afirmou a existência de uma completa separação entre o ser humano e natureza. Identificando a espécie humana com o gênero masculino, essa ciência configurou-se como uma ciência sexista, dado que nas concepções dominantes

das diferentes ciências, a natureza é um mundo de homens organizado segundo princípios socialmente construídos, ocidentais e masculinos, como os da guerra, do individualismo, da concorrência, da agressividade, da descontinuidade com o meio ambiente (SILVA, 2019, n. p).

É preciso entender e compreender que apesar dessa complexa relação da sociedade com a natureza o ser humano deve conservar o seu espaço natural, sobretudo no sentido de garantir a existência dos recursos e dos meios essenciais a eles e para as sociedades futuras.

Segundo Marinho (1999) um meio de conscientização ambiental é a busca pelo esporte na natureza, reaproximando o homem da natureza, porém com um olhar diferenciado, apesar de serem conceitos bem distantes.

O primeiro estudo sobre as relações entre esporte e o meio ambiente se referia às qualidades da “natureza como um meio ambiente de esporte para todos”, mas que poucos esforços foram feitos neste período para discutir os possíveis problemas ecológicos relacionados aos esportes ao ar livre (MARINHO, 1999, p. 35).

Os precursores dos esportes ao ar livre são denominados escoteiros (exploradores), sendo descritos como a vanguarda do movimento ecológico. De acordo com Vanreusel (1995 *apud* MARINHO, 1999, p. 35) os pesquisadores ambientais se viam como os primeiros escaladores, em que as atividades ao ar livre estavam perseguidas pelos pesquisadores das ciências naturais, antes mesmo de serem institucionalizados.

Existe um grande conflito, desde os anos passados, entre os esportes na natureza e a conservação do meio ambiente, que se estende por todas as regiões que tem características naturais atrativas. O uso da natureza para as práticas dos esportes, cada vez mais, está sendo questionado, criticado e às vezes proibidos. Grande parte dos ecologistas acusam as práticas dessas atividades de criarem problemas ambientais, considerando os praticantes como ameaças ecológicas.

Apesar de alguns questionamentos em relação aos seres humanos e o meio natural, existe outro olhar pela natureza, de tração, admiração e de descoberta, aparecendo como um espetáculo, podendo ser apalpada e sentida. Assim, Maffesoli (1996 *apud* MARINHO, 1999, p. 39) remete-se à poesia, apontando que a natureza é capaz de colocar o mundo numa gota de água e que o poeta é capaz de exprimir isto e, mais ainda: o sábio deve perceber. No limite, o autor coloca que o caminho

mais seguro para se chegar à harmonia social é a reconciliação entre a natureza e a arte (em seu sentido amplo de urbanização, modos de vida, produtos, etc.).

O meio natural é representado como um lugar que pode ser emocionalmente vivido. As árvores, as sombras, as trilhas, as cachoeiras, os rios e lagos, as pedras e montanhas, as flores; todo este cenário natural são possibilidades de serem vivenciadas.

As técnicas corporais utilizadas anteriormente tinham muito mais inter-relações e era integrada à natureza, no qual havia uma relação de trocas e não de domínio, formando um todo integrado. Porém na atualidade, com as tecnologias e produções de máquinas, respondendo um interesse capitalista, o homem e a natureza deixam de ser um todo integrado.

A natureza tem se tornado uma coisa para o homem, um objeto de utilidade e ao mesmo tempo um meio de produção, dentro das circunstâncias de racionalidade. Moreira (2004) afirma que, “a natureza na geografia é um substrato e arsenal de recursos naturais úteis para fins de subsistência e sobrevivência dos homens em sociedade”.

Em abordagens posteriores, Moreira (2006; 2009) avança em suas reflexões ao afirmar que a relação homem-natureza (relação metabólica), necessita ser compreendida para além do paradigma de movimento físico da matéria, como um processo de incorporação recíproca, na qual participam o inorgânico, o biológico e o humano, posto que a natureza constitui-se, sobretudo, como história social. Assim, a relação sociedade-natureza se dá por intermédio do trabalho.

Tudo é história na relação metabólica porque vem do ato do homem transformar a natureza em sociedade pelo trabalho (fala-se aqui de primeira e segunda natureza ou natureza natural e natureza socializada), que, ecologicamente, é antes de tudo um intercâmbio de força e matéria que se passa entre o homem e a natureza dentro da própria natureza, e socialmente, é o processo de transformação da história natural em história social, e vice-versa (MOREIRA, 2009, p. 14).

É possível concluir que a relação sociedade e natureza necessita ser entendida enquanto totalidade múltipla, processual, sejam como possibilidades de analisar os significados, as contradições e ambivalências inerentes às relações capitalistas, sejam enquanto práxis social que se realiza e se reproduz a partir de dinâmicas diversas, de transformação do presente, do passado e do futuro e

também como possibilidade necessária para construção de conhecimento, permitindo pensar na realidade em que se vive.

Mendonça (1994 *apud* ALMEIDA; DACOSTA, 2007) relata que o meio natural, nos dias de hoje, ajuda o sujeito a perceber o porquê existe e o sentido de viver, possibilitando perceber que faz parte deste conjunto, e permite conhecer a si próprio. Contudo, as visitas à natureza nem sempre tem essa reflexão por parte dos indivíduos, que por vezes pensam apenas no consumo e na indústria.

Uma das possibilidades de maior integração dos indivíduos com a natureza é o ecoturismo, podendo ser criado e planejado respeitando a conservação da natureza e desenvolvendo um conhecimento da mesma. E assim por meio das vivências proporcionar uma melhor compreensão. Sendo assim, Mendonça afirma:

[...] Mas a natureza existe em si, além das nossas explicações. Ela vai muito além das possibilidades oferecidas por nossa linguagem. Somos o resultado de um processo tanto quanto aquelas plantas e animais e rochas e águas que estamos visitando. Para experienciar a natureza precisamos ampliar a minha capacidade de percepção. Se mudamos nossa maneira de pensar, mudamos nossa maneira de nos relacionar com ela, mudamos a nós mesmos, mudamos todo o sistema do qual fazemos parte. Toda vivência é uma auto-observação, uma observação de nós mesmos que leva à observação de que estamos ligados uns aos outros (MENDONÇA, 1994 *apud* ALMEIDA; DACOSTA, 2007, p. 238).

A sociedade necessita se integrar com a natureza e se comprometer com a consciência de que é preciso proteger o meio ambiente, modificando as práticas sociais e culturais, para que assim sobreviva pacificamente com o meio que os cerca para obtenção de um futuro melhor.

2 PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Nesse capítulo foi feito um levantamento das práticas corporais a serem exercidas perante a natureza nas aulas de Educação Física, bem como dos benefícios que a proposta pode trazer aos alunos, aos professores e a sociedade.

Os homens já vivenciaram muitas formas de exploração do meio ambiente sem saberem que o que estão fazendo serve para possíveis práticas na natureza. Percorrer longos percursos, subir montanhas, encontrar abrigos, descobrir novos caminhos são todos alguns exemplos de práticas na natureza que o homem exerce sem mesmo ter a noção de que isso pode vir a ser um tipo de prática e que é possível se aplicar nas aulas de Educação Física.

Nas aulas de Educação Física atualmente, não são trabalhadas com os alunos atividades que despertem o interesse, onde normalmente são sujeitos a atividades repetitivas, se tornando cansativo e acumulativo, com pouca variação de atividades, brincadeiras, jogos, esportes, etc. Uma ótima variação para esses alunos seriam as práticas exercidas perante a natureza, ou seja, expor os alunos a atividades que façam com que eles despertem seus interesses para novas descobertas.

Os esportes tradicionais, realizados na maioria das aulas de Educação Física escolar, podem dar conta de atender ao gosto de uma parcela dos alunos, tais como o basquete, o voleibol, o futebol e o handebol, mas não de todos. No entanto estas crianças, adolescentes e jovens têm o direito de vivenciar outras situações presentes na cultura corporal e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas.

A exploração dos ambientes inabitáveis, a descoberta das riquezas naturais e as expedições com fins científicos e militares foram conquistas alcançadas através da prática do que hoje conhecemos como caminhada (*trekking*, enduro de orientação, corrida de aventura, escalada, *mountain bike*, e outras modalidades) (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Para que os alunos tenham os mais diversos tipos de experiências, é dever do professor de Educação Física oportunizar essas atividades, buscando explorar ao máximo o potencial dos alunos. A Educação Física tem uma característica de ser continuamente reinventada, pois novas modalidades, novas práticas, novos

conceitos surgem a todo o momento. Conforme indica Parlebás (1987, p. 42), a Educação Física tem “uma proliferação de técnicas, métodos e práticas” e essa proliferação é potencializada pela internet e principalmente pelas mídias sociais.

Acredita-se que as práticas corporais de aventura oferecem inúmeros benefícios sociais, cognitivos, afetivos e carregam em seus fundamentos uma grande gama de exploração do repertório locomotor.

As vivências das Atividades Físicas de Aventura (AFA) proporcionam aos alunos sensações e experiências que atinjam a todos seus aspectos formativos, de maneira que sejam praticadas adaptadas à estrutura da escola e que proporcionem o convívio com o meio ambiente (FRANCO *et. al*, 2011, p. 2).

De acordo com MANNING (2011 *apud* FRANCO *et. al*, 2014), na escola, para promover a inclusão de novos conteúdos é preciso superar barreiras construídas ao longo do tempo, como a tradição das práticas esportivas, que é uma das mais expressivas. A busca pela promoção de práticas corporais de aventura na natureza se justifica por diversos aspectos, como os três apresentados a seguir:

Pessoais: prevenção e redução de quadros de depressão e ansiedade; ganhos de auto-imagem, auto-estima e auto-confiança; desenvolvimento de competências de liderança e de trabalho em grupo; melhoria do desempenho acadêmico; benefícios cardíacos; controle e prevenção de diabetes; ganhos de equilíbrio e força muscular.

Ambientais: melhoria das relações entre os seres humanos e a natureza; ampliação da compreensão da relevância do meio natural; ampliação do envolvimento público em relação às questões ambientais; manutenção e melhoria da qualidade de áreas naturais.

Socioculturais: ampliação da apreciação de áreas de relevância histórica e cultural; ampliação da cooperação e coesão social; envolvimento das comunidades na tomada de decisões; redução da criminalidade e de taxas de abandono escolar (FRANCO *et. al*, 2014, p. 107, sic).

Para a realização dessas práticas corporais na escola há diversos fatores de limitação, como a falta de materiais, falta de espaço e até mesmo a falta de conhecimento por parte do docente. Porém cabe ao professor se apropriar, transformar e adaptar para fazer com que seus alunos tenham essa vivência. Sendo preciso, muitas das vezes, reinventar por conta própria, ser criativo, pois este também é um fator determinante nessa limitação.

Como as Práticas Corporais na Natureza (PCN) é uma disciplina criada recentemente nas matrizes curriculares, muitas universidades ainda não aderiram, e por consequência muitos professores de Educação Física não tiveram conhecimento da mesma. Também não há muitos documentos/conteúdos bases em relação a estas práticas, sendo assim, mais uma dificuldade encarada pelos professores para desenvolvê-las.

Entretanto, para a inclusão das práticas corporais na Educação Física escolar é necessário o amparo das leis, em que tratam da Educação Física, mais especificamente das práticas corporais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que trata dos esportes de aventura como práticas corporais de aventura e indica que esse conteúdo deve ser dado como experimentação aos alunos e que tenha que ser dada prioridade a segurança.

Práticas corporais de aventura exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, arvorismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, skate, patins, bike etc (BRASIL, 2016, p. 6).

Apesar de não ter recomendações específicas sobre o modo como as práticas corporais na natureza podem ser abordadas nas aulas de Educação Física, nem quais são os conhecimentos necessários para que o professor pudesse propor com segurança e propriedade esse conteúdo em suas aulas, há uma série, baseada na noção de cultura corporal de movimento, de indicações teóricas, metodológicas e didáticas gerais, no qual é claramente visível que pode ser trabalhado com as mesmas nas aulas, bastando o interesse do docente em realizar com seus alunos.

2.1 Conteúdos adaptados e esportes radicais nas aulas de Educação Física

A Educação Física como ação pedagógica precisa de professores criativos, renovadores preocupados com o objetivo de suas aulas, para que assim incorpore o verdadeiro significado a mesma, tornando assim as aulas interessantes e diferentes,

de acordo com a realidade de cada turma, cada escola, surgindo assim à necessidade de novas estratégias para as aulas.

Ao considerar que a Educação Física escolar é dinâmica quanto a propostas de conteúdo, e acompanha as mudanças e interesses das pessoas, temos atividades pouco exploradas nas aulas, e que estão em evidência social, como os Esportes Radicais (ER). No qual estão cada vez mais vistos na TV, redes sociais, revistas, eventos e jornais em todo o mundo, chamando a atenção de um grande público, de todas as idades e classes sociais.

Na atualidade, os ER são uma realidade que está presente no meio esportivo e na sociedade, fruto de um grande crescimento e desenvolvimento ocorrido principalmente nas últimas duas décadas. Segundo Bet e Suzuki (2013) a partir da década de 90 se tornaram mais evidentes e o homem passou a buscar ambientes naturais e artificiais para realizar essas práticas, pela inovação, interação com a natureza, busca por atividades alternativas e aventura.

As atividades de aventura tem se notabilizado pela diversidade e número de adeptos, ainda mais pela própria divulgação dos meios de comunicação, tanto pela mídia ou pelas revistas especializadas, sendo cada vez mais abordados em cursos e palestras devido aos interesses dessas novas práticas que surgem como meio de lazer, esporte e educação (CÁSSARO, 2011, p. 8).

Era considerado como uma área do lazer e cultura do tempo livre pelos primeiros autores a estudar essas atividades, onde a natureza e o risco serviam como saída para a correria do cotidiano das cidades e do estresse. Essas atividades foram caracterizadas como esporte extremo, de risco, novo esporte, esporte sem regras, entre outros.

Nas aulas de Educação Física a diversificação faz com que se recrie, renove e repensem os conteúdos, conceitos, metodologias, buscando a formação do indivíduo em sua totalidade. Nesse contexto, a expansão dos ER emerge, com suas possibilidades de aplicação nas aulas e no âmbito escolar, estando presente nos conteúdos dos PCNs. O que se deseja alcançar mediante o trato deste novo conteúdo, é a promoção de novas vivências sob a ótica dos ER e dos valores intrínsecos a ele.

O esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos

próprios limites, conhecimento corporal, auto-estima, criatividade, resposta rápida ao estímulo, respeito aos demais e ao meio, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, senso de justiça, trabalho em equipe, integridade, entre outros. A partir da aquisição de novos valores, transformam as suas possibilidades, somando novos significados na prática e pela prática (SANTOS *et. al*, 2014, n. p, sic).

Podendo ser classificados pelo ambiente de prática terrestre, aquáticos, aéreos, urbanos, e de natureza, são estruturados em duas categorias, os esportes de aventura e esportes de ação, ambos têm em comum a existência significativa e o risco como agente fundamental e diferem-se pelas suas características próprias. No contexto da educação física desenvolve as habilidades motoras, capacidades físicas, também a aprendizagem do surgimento, etimologia, público, perigo e comunicação.

Quanto maior for a gama de conhecimento, alternativas e inovações levadas aos alunos, maiores serão as chances dos mesmos se interessarem em aderir à prática regular de atividades físicas, melhorando sua qualidade de vida, além de aumentar as vivências corporais, cognitivas e psicossociais, levando-as assim, para sua vida futura.

A escola é uma importante difusora da cultura corporal de movimento. É fundamental que as aulas de Educação Física diversifiquem o seu conteúdo, contemplando as novas práticas corporais que surgem cotidianamente, explorando a transversalidade e interdisciplinaridade, vitais em um ensino de qualidade (CÁSSARO, 2011, p. 46).

De acordo com Darido e Rangel (2015) ao pensar na escola como facilitadora de formação de cidadãos autônomos e críticos, cabe à área da Educação Física, também proporcionar ao futuro adulto, informações suficientes para a escolha de atividades que possam ocupar o tempo livre desse cidadão.

Os esportes tradicionais, amplamente tratados na grande maioria dos currículos de Educação Física escolar, podem dar conta de atender ao gosto de uma boa parcela dos formandos da Educação Básica, aqueles que virão a ser adultos, para o futuro uso do ócio, nas suas horas no contexto de lazer. Temos a convicção que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas (FRANCO, 2008, p. 30).

Ao evidenciar os ER, o trabalho interdisciplinar dentro da escola pode trazer benefícios, envolvendo o meio ambiente e a natureza como agente de interação, podendo até, dependendo das possibilidades, aproximar os alunos de ambientes naturais, para assim realizar e vivenciar atividades, fazendo com que aprendam os conhecimentos teóricos na prática em várias áreas do conhecimento. De acordo com Armbrust e Silva (2008) incluir o estudo dos ER como conteúdo escolar não tem em vista suprir ou suprimir outros conteúdos abordados, mas como um saber a mais, que possui suas qualidades para melhor enriquecimento do acervo cultural dos alunos.

Percebe-se que os limites pessoais podem ser superados, ao praticar e aprender um ER seja urbano ou no meio natural, de acordo com as capacidades e habilidades de cada sujeito. O praticante ou aluno terá sucesso no resultado final, que é ultrapassar barreiras, vencer limites e desafios, já que a única regra nessas atividades é a obediência às normas necessárias de segurança de cada modalidade, gerando assim satisfação, interesse e motivação.

Como nos esportes tradicionais, esse novo esporte também contém características como o jogar com os outros e a busca da vitória, porém, há algumas outras razões, como a inovação de uma manobra, o aproveitamento do momento exato para tentar algo inusitado, ou ainda, para mudar determinados códigos, e ao mesmo tempo, coletividade na prática, por isso buscam a prática dos ER (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008).

Os ER podem ser abordados na Educação Física escolar com o objetivo de promover a consciência para o enfrentamento das incertezas, o que pode colaborar com o processo do desenvolvimento do pensamento, julgamento e comportamento autônomos do indivíduo, seja em sua vida pessoal, seja voltado a questões do seu coletivo mais próximo, como também àquelas relativas ao cuidado com o planeta.

2.2 Propostas de práticas a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física

Ao passar do tempo, as práticas corporais na natureza foram sendo cada vez mais prestigiadas por proporcionarem uma fuga da rotina, principalmente no ambiente escolar, trazendo diversas emoções peculiares, o que são fatores de

motivação e interesse para os alunos nas aulas de Educação Física, além da interação que os indivíduos tem com a natureza, partindo do princípio que o homem deve compreender o meio ambiente como parte de sua vida.

O desejo de experimentar algo novo, prazeres, emoções, riscos, desafios, superação de limites, foi o impulso para a expansão das PCANs (MARINHO, 2004). Já para Tahara e Carnicelli Filho (2013) ao desejar vivências mais espontâneas e significativas em seus momentos de lazer, buscam as práticas, fugindo da rotina urbana estressante e melhorando a qualidade de vida.

As pessoas buscam essas práticas para seus benefícios físicos, como também a interação com o meio natural e com outras pessoas. E por que não pensar como um conteúdo nas aulas de Educação Física na escola?

A temática das atividades de aventura constitui um conjunto de práticas recentes dentro da área da Educação Física e podem acontecer sem diferenciação de gênero, habilidades motoras, questões culturais e/ou interesses competitivos. Tal temática pode constituir-se como práticas de elevado poder formativo e, se tratadas de forma pedagógica, podem auxiliar de maneira eficaz na tarefa de educar os alunos coerentemente para com os assuntos ligados à educação ambiental e a aprendizagem de algumas modalidades ligadas às atividades de aventura (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013, p. 62).

Tahara e Carnicelli Filho (2013) esclarecem que na escola estas práticas possuem um caráter educativo pedagógico, constituindo-se como um conjunto de atividades pedagógicas capazes de proporcionar as crianças e adolescentes uma transmissão eficiente de valores, atitudes e normas, contribuindo também com a formação humana dos mesmos. Também soma ao currículo da Educação Física, contribuindo com a aprendizagem de novos conhecimentos, experiências e vivências.

A aproximação entre o indivíduo e a natureza gerada por essas vivências, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações, como o sol, vento, montanha, rios, chuva, vegetação, entre outros, proporcionam atitudes de respeito, admiração e preservação.

Para o ensino das práticas corporais na natureza na escola é necessário que o professor primeiramente tenha conhecimento das mesmas, pois como esse conteúdo é pouco discutido na graduação, é necessário procurar formação além,

podendo assim ter um maior entendimento. O professor também enfrentará alguns desafios ao tentar incluir este conteúdo nas aulas, como a falta de materiais, a falta de espaço, e muitas vezes a não autorização da direção escolar. Porém basta a motivação do professor em mostrar que o conteúdo se faz necessário para a formação do aluno.

Dentro de um planejamento do professor pode conter algumas práticas básicas e simples para uma aula diferenciada e com o mesmo objetivo que as demais aulas. No qual as práticas podem ser agrupadas segundo Betrán (2003 *apud* FRANCO *et. al*, 2014, p. 105) da seguinte forma: ambiente pessoal, impactos ambientais, ambiente social e ambiente físico.

Franco *et. al* (2014, p. 106) apresenta uma classificação das práticas corporais na natureza dividida nos elementos Ar, Água e Terra, possibilitando um maior entendimento sobre sua especificidade relacionada ao elemento que se enquadra:

Quadro 1: Classificação das práticas corporais de aventura

Modalidades Praticadas em Terra	Descrição
Caving	Exploração de diferentes tipos de caverna que se empregam técnicas variadas.
Corrida de aventura	Prática competitiva que objetiva o deslocamento entre pontos em locais naturais, contendo diversas modalidades de aventura encadeadas.
Corrida de orientação	Prática competitiva que emprega mapa específico e bússola para navegar entre os pontos determinados.
Arvorismo	Prática focada na superação de desafios e obstáculos, geralmente construídos entre plataformas suspensas nas árvores.
Escalada	Prática cujo objetivo é, normalmente, ascender em estrutura com diferentes graus de dificuldade, como rochas e muros de escalada.
Mountain bike	Prática de ciclismo realizada em espaços naturais como trilhas.
Parkour	Deslocamento de um ponto para outro, usando habilidades corporais para a superação de obstáculos.
Skate	Prática que emprega equipamento, normalmente composto por prancha e eixos com rodas, para a realização de diferentes movimentos e manobras.
Slackline	Deslocamento realizado sobre uma fita tubular presa entre pontos que estão acima do solo.
Trekking	Prática centrada na caminhada, normalmente, em trilhas e espaços naturais, podendo ser competitiva ou não.
Modalidades praticadas na Água	Descrição
Canoagem	Prática realizada em mares, lagos, rios, piscinas ou outros espaços e que emprega caiaques, canoas ou botes.
Kitesurfe	Prática que emprega uma espécie de pipa e uma pequena prancha com uma estrutura de suporte para os pés.
Mergulho	Prática subaquática que é realizada com ou sem equipamentos específicos.

Rafting	Modalidade de canoagem que, normalmente, emprega botes infláveis para a descida de corredeiras.
Stand up paddle ou Sup	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que também emprega um remo.
Surfe	Prática realizada com diferentes tipos de prancha que objetiva deslizar sobre ondas e realizar manobras.
Acqua ride ou bóia cross	Consiste em descer corredeiras deitado ou sentado sobre uma câmara de ar em formato ovalado.
Windsurfe	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que possui mastro e vela.
Modalidades praticadas no Ar	Descrição
Asa delta	Prática de voo livre que emprega um tipo de asa feita de materiais rígidos, como tubos de alumínio, e flexíveis, como tecidos.
Balonismo	Deslocamento realizado com balões.
Bungee jump	Salto de estruturas elevadas, como plataformas e pontes, por meio de cordas elásticas.
Paragliding	Prática de voo livre que emprega equipamento similar a um para-quedas.
Paraquedismo	Saltar de aeronaves empregando paraquedas. Há o B.A.S.E. Jump, cujo salto com paraquedas é realizado em pontes, prédios e penhascos.
Tirolesa	Deslizamento realizado com equipamentos individuais, em um cabo de aço fixado entre pontos de diferentes alturas.

Fonte: Franco *et. al* (2014, p. 106)

As motivações pessoais para essas práticas, principalmente de crianças, adolescentes e jovens, são estar em companhia de amigos, ensinar e compartilhar habilidades e conhecimentos já desenvolvidos, liderar outras pessoas, desfrutar da natureza, envolvimento em situação de risco, emprego de equipamentos ou materiais diferentes, participar de atividades que permitam ter independência, autonomia e controle da situação, segundo Manning (2011 *apud* FRANCO *et. al*, 2014, p. 107).

Ao propor a atividade de caminhada ou *trekking*, não tendo o espaço adequado, o professor pode no ambiente escolar usar a imaginação e aplicar a atividade em um espaço adaptado, criando obstáculos e levando os alunos a descobrirem que com o espaço disponível na escola é possível ter uma aula de qualidade.

Outro exemplo de atividade é a escalada, em que o professor pode aplicar essa atividade em algum ambiente disponível que se possa construir uma parede artificial construída com madeiras, colocando agarras artificiais, presas, nas quais se apoiam os pés e as mãos, ou levar os alunos a um ambiente fora do pátio escolar. Podendo também criar variações desse esporte durante a aula, escalando qualquer ambiente na escola, que seja um simples muro, ou até mesmo colocando umas

espécies de sinalizadores no solo do ambiente no qual os alunos usarão os quatro apoios (membros superiores e inferiores) para realizarem a atividade.

2.3 Riscos de acidentes e segurança

As práticas corporais na natureza possuem diversos aspectos relevantes, no qual possuem forte relação com os riscos, sendo algo característico dessas modalidades, merecendo grande atenção do praticante e principalmente do professor ao escolher aplicar determinadas atividades.

De acordo com Franco *et. al* (2014) a presença de riscos é inevitável, porém não impede a realização das atividades, gerando assim, a necessidade de abordagens específicas de orientação, buscando controlar os riscos. Já para Pereira e Armbrust (2010), os riscos e a imprevisibilidade dos ambientes necessitam do desenvolvimento de habilidades de estratégia como percepção, resistência e determinação. Na educação, essas exigências são ferramentas para a formação dos alunos.

Dentre os riscos ao realizar alguma dessas práticas, podemos destacar os riscos epidemiológicos, como adquirir doenças causadas por bactérias e parasitas, caso não seja prevenido com os cuidados básicos de saúde. Também há o risco de doenças da altitude segundo Silva e Freitas (2010), no qual as mais frequentes são o edema cerebral, edema pulmonar e doença aguda na montanha. No entanto, tem grande importância salientar que pode levar o sujeito a morte, porém também há prevenção, sendo necessário um planejamento de alerta para melhor orientação e segurança dos participantes.

O empreendimento da busca pela aventura consiste em atividades de risco por meio da natureza incerta, em que o interesse por estas atividades advém das condutas de risco. Le Breton (2009, p. 2) entende “condutas de risco” como:

[...] jogo simbólico ou real com a morte, um arriscar-se, não para morrer, mas como uma possibilidade não desprezível de perder a vida ou de vir a sofrer alterações das capacidades físicas ou simbólicas do indivíduo (LE BRETON, 2009, p. 2).

Atualmente, muitos dos jovens que sofrem alguns transtornos psicossociais, como a falta de interação social e o gosto de viver, vêm as práticas corporais na

natureza, no qual realizam atividades de riscos como um meio de melhorar a auto-estima, satisfazer seus desejos, encontrando fortes emoções.

No entanto o risco pode ser considerado tanto positivo como negativo, dependendo do sujeito praticante ou da situação. Podendo ser classificado, de acordo com Silva *et. al* (2010, p. 85) em três categorias: risco-perigo, risco-probabilidade e risco aventura.

O risco-perigo está associado ao senso comum, concentra-se em vivências que comumente são imprevisíveis, para exemplificar apresenta-se a ameaça, a perda e o destino. O risco-probabilidade refere-se ao aspecto de controle e disciplina, para ilustrar esta categoria destaca-se a aposta, a chance, a prevenção. Por sua vez, o risco-aventura, abrange a perspectiva de aventura, em que os aspectos da emoção, o desafio e a ousadia encontram-se presentes nesta categoria (SILVA *et. al*, 2010, p. 85)

No entanto, ao se deparar com esses riscos a sociedade tradicional, segundo Pimentel (2008 *apud* SILVA *et. al*, 2016, p. 474), adotavam o uso de ritos para conter as ameaças vindas da natureza, sendo estas preparações culturais.

[...] técnica mágica ou religiosa que visa obter sobre as forças naturais um controle que as técnicas racionais não podem oferecer, ou a obter a manutenção ou conservação de alguma garantia de salvação em relação a essas forças (ABBAGNANO,1998 *apud* SILVA *et. al*, 2016, p. 474).

Entretanto nem sempre os rituais conseguem abolir os riscos, e como já apresentado estas práticas estão ligadas aos riscos, podendo ocasionar lesões acidentes graves, além dos riscos epidemiológicos.

Há maiores incidências de lesões e acidentes, ao realizar as práticas corporais na natureza como: andar a cavalo, mountain bike, atividades aquáticas, caminhadas, atividades em montanhas e esportes na neve, conforme apresenta Silva *et. al* (2016, p. 476).

Diante disso, torna-se importante aderir formas de prevenção e segurança, principalmente no ambiente escolar, visando diminuir os casos de acidentes, passando aos praticantes as informações necessárias para realizar as atividades.

De acordo com Franco *et. al* (2014, p. 109), é ressaltado cinco passos de gestão de riscos para melhor segurança dos praticantes, no qual reduzem as

probabilidades de acidentes, as consequências, evitando os riscos e fazendo com que o indivíduo aceite os riscos.

Deve-se também buscar aspectos como a comunicação durante todo o processo de planejamento e execução das atividades; o envolvimento tanto dos alunos como dos professores, monitores, a comunidade escolar em geral; constantemente a atividade deve ser revisada e adequada à realidade escolar, considerando o ambiente propiciado, os indivíduos que irão praticar e os equipamentos disponíveis.

Figura 2: Cinco passos da Gestão de Riscos



Fonte: Dickson; Gray (2012, n. p.).

Essa gestão deve ter foco na minimização dos riscos desnecessários das práticas corporais na natureza e na otimização dos objetivos das atividades propostas, buscando em primeiro lugar a segurança de seus alunos.

Ao tratar das questões de segurança, são utilizadas como referência as normas técnicas para turismo de aventura da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), no qual são definidas normas específicas para turismo de aventura, gestão de segurança e gerenciamento de riscos.

Dentro do ambiente escolar, o professor deve ter conhecimento e aderir um Sistema de Gestão de Segurança (SGS), para que assim possa prevenir os acidentes por meio das análises de riscos detalhadas, também deve implementar

programas de prevenção de acidentes e ter um plano de atendimento a emergência para socorrer as vítimas.

De acordo com a norma, todo perigo gera pelo menos um risco, mas há situações em que o perigo pode gerar mais que um risco. Lembrando que perigo – fonte ou situação com potencial para provocar danos e risco – combinação da probabilidade da ocorrência de determinado evento, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Exemplo de perigos e riscos da atividade de rapel

PERIGOS (causa)	RISCOS (efeito)
Bater nas pedras	Lesão (escoriações ou traumas)
Falha do condutor que dá segurança para a descida	Lesão / Morte
Falha do uso do mecanismo de descida (freio)	Morte / desconforto psicológico
Prender o cabelo no freio	Lesão
Queda de pedras e objetos	Lesão

Fonte: Abeta (2007, n. p.).

Considerando que praticamente todas as atividades relacionadas às práticas corporais na natureza apresentam riscos aos praticantes, os professores devem fazer treinamentos adequados, controlando o risco, sendo atento às normas de segurança vigentes para todas as atividades e aplicá-las sempre pensando em minimizar os riscos, proporcionando aos alunos uma atividade prazerosa, em que todos vivenciem experiências únicas e inesquecíveis, sejam no meio natural ou dentro da escola.

3 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PESQUISADA

Neste capítulo é descrito os caminhos trilhados para a realização da pesquisa, bem como os seus resultados, a partir dos quais se pôde tratar da importância das práticas corporais na natureza nas aulas de Educação Física em uma escola pública da rede municipal de Coronel Sapucaia-MS.

3.1 Caminhos e Metodologia da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, aplicação de questionário qualitativo e observação das aulas de Educação Física. Baruffi (2002, p. 27) esclarece que a pesquisa qualitativa tem como principal estudo o meio onde está o indivíduo a ser pesquisado, a sua experiência no dia a dia em relação ao tema abordado pelo pesquisador, e “tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

A classificação dessa pesquisa, quanto ao procedimento utilizado na coleta de dados, determina que esta é uma pesquisa de campo, segundo Herdt e Leonel (2005, p. 86) “estudo de campo é um tipo de pesquisa realizada basicamente por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevista com informantes que captam as explicações que ocorre naquela realidade”.

Foi realizada nos meses de setembro e outubro, em que os questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, continham perguntas abertas e fechadas, tendo sido entregues aos professores. A partir das respostas obtidas, buscou-se compreender a percepção de ambos em relação a práticas corporais na natureza. Antes da aplicação dos questionários foram entregues os termos de responsabilidades, assinados pelo pesquisador e pelos respondentes.

3.2 Apresentação e análise dos dados coletados

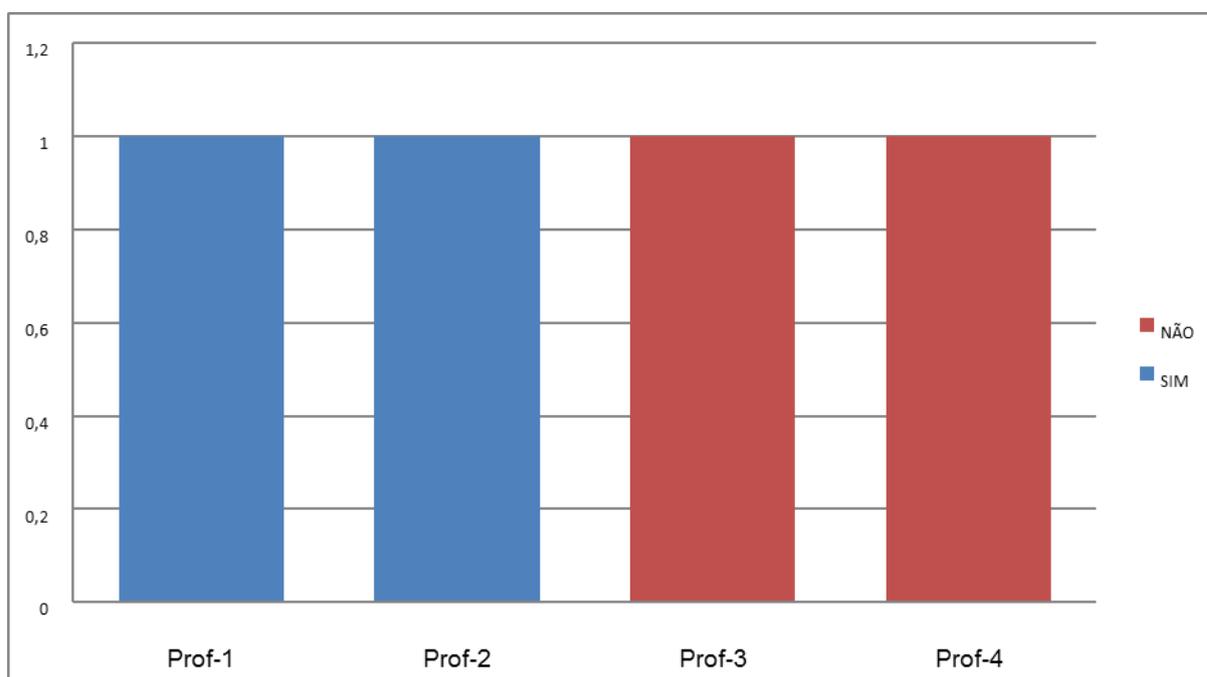
A pesquisa foi realizada com quatro professores de Educação Física da rede pública (municipal) da cidade de Coronel Sapucaia-MS. Para divulgação dos

resultados, foi respeitado o sigilo da identidade dos sujeitos participantes. Ressaltando que, após leitura cuidadosa de todos os questionários, priorizaram-se as respostas dos sujeitos que contribuíram diretamente para cumprir os objetivos desta pesquisa. O questionário aplicado aos professores era composto de 9 questões abertas e fechadas (Apêndice “4” - Questionário para Professores).

Os resultados obtidos na pesquisa estão apresentados a seguir, dispostos em gráficos, buscando favorecer a compreensão dos dados. Os quatro professores de Educação Física, sendo três deles contratados (temporário) e apenas um efetivo, atuantes no ensino público municipal serão identificados como: Prof-1; Prof-2; Prof-3 e Prof-4.

Na primeira questão buscamos verificar se os professores já ouviram falar em Práticas Corporais na Natureza ou Esportes Radicais nas aulas de Educação Física.

Gráfico 1: Você já ouviu falar em Práticas Corporais na Natureza ou Esportes Radicais nas aulas de Educação Física?



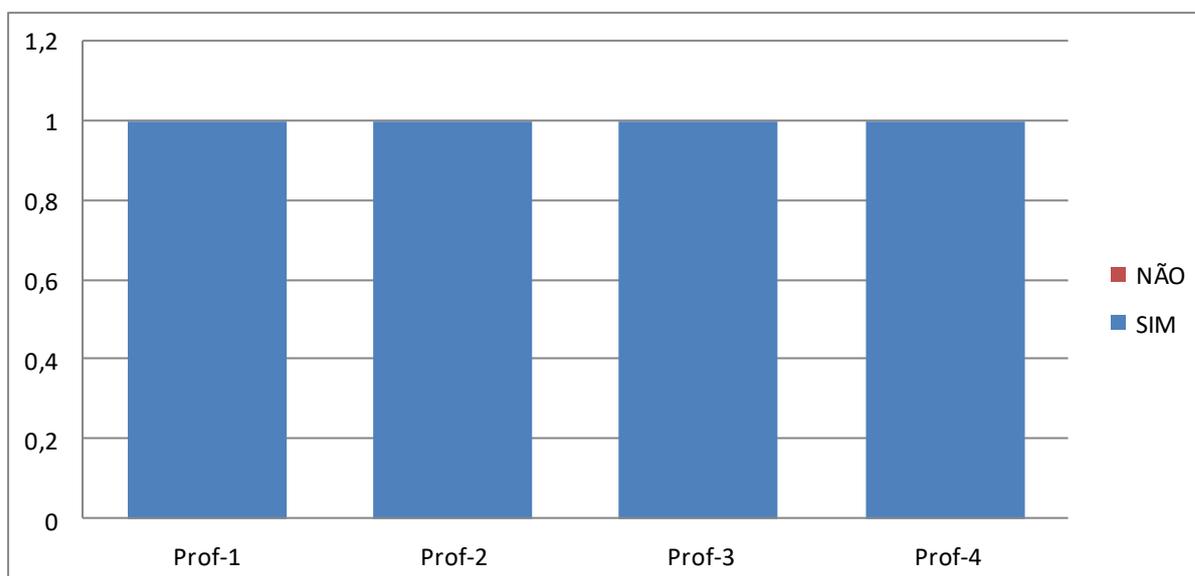
Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário aplicado.

De acordo com as respostas da questão 1 (representada no Gráfico 1), dois professores não ouviram falar nessas práticas, porém dois já ouviram e justificaram que a tempos atrás praticavam nas aulas escaladas com cordas.

A questão 2 consistiu em verificar, se nos momentos de lazer, o professor realiza alguma atividade ao ar livre. Todos praticam alguma atividade, como corridas, ciclismo, trilhas de moto, trilha de bicicleta. No entanto, o Prof-4 no momento não está realizando essas atividades, pois é gestante, porém já trabalhou com diversos projetos ao ar livre.

A questão 3 (representada no Gráfico 2), visou verificar se os docentes gostariam de incluir as Práticas Corporais na Natureza, como conteúdo, nas aulas de Educação Física, e porque gostariam.

Gráfico 2: Você gostaria de incluir as Práticas Corporais na Natureza, como conteúdo, nas aulas de Educação Física? Por que?



Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário aplicado.

Aqui pode-se perceber que os quatro entrevistados tem interesse em aplicar as Práticas Corporais na Natureza como conteúdo escolar. Pereira e Ambrust (2010, p. 23) ressaltam que “é pertinente destacar as valorizações e as propostas oferecidas pelo professor e outros profissionais que estão envolvidos nesses ambientes educacionais para o processo de desenvolvimento integral do ser humano, que valorizem o acervo motor, cognitivo, afetivo, social e cultural dos alunos”.

Como justificativa o Prof-1 e Prof-4 relataram que seria para os alunos desfrutarem de novos desafios, sendo uma atividade diferenciada que desenvolve

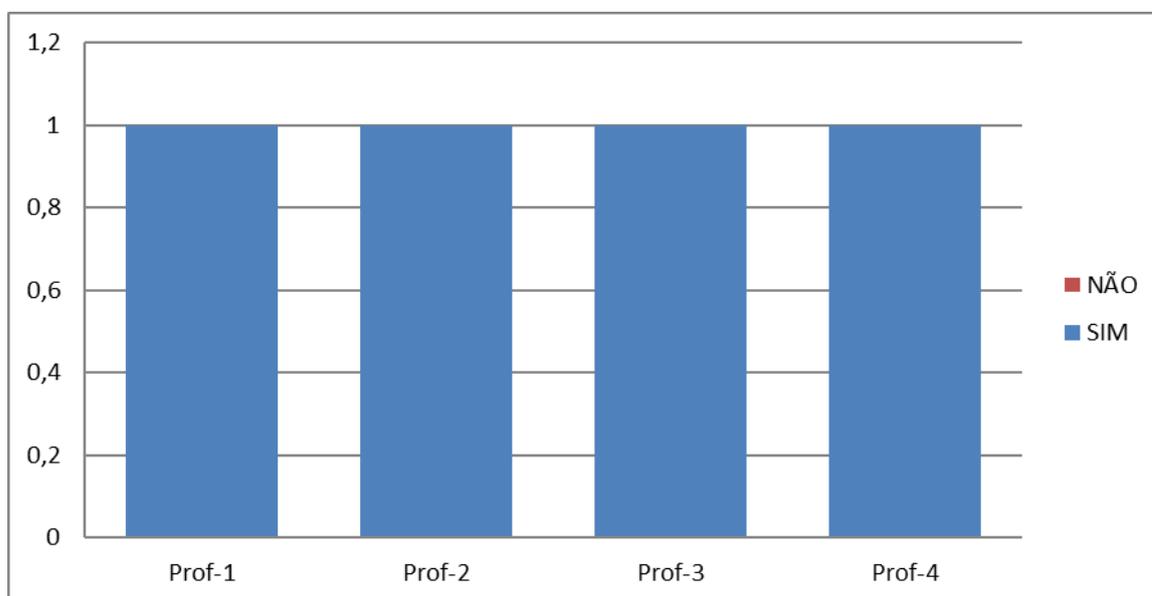
várias habilidades motoras, psicomotoras e a socialização, tornando-se assim interessantes para os alunos.

Entretanto, importa aqui indicar que, mesmo sendo uma prática ainda pouco acessível a população, mesmo sendo uma prática que é gerida e organizada muito mais no âmbito do turismo que qualquer outra, as PCANs vem se apresentando como importante campo de atuação profissional para a Educação Física, bem como se observa, em congressos e eventos científicos, que há uma necessidade urgente de reflexão sobre estas práticas como um conteúdo da Educação Física escolar (INÁCIO, MORAES, SILVEIRA, 2013, p. 6).

Desenvolvendo essas práticas nas aulas de Educação Física, além das experiências diferenciadas, também é trabalhada em conjunto com a Educação Ambiental, almejando os valores e princípios, possibilitando o debate e reflexão sobre a relação do homem com a natureza, conscientizando os alunos sobre as questões ambientais, os problemas e a necessidade de enfrentar os mesmos.

A questão 4 (representada no Gráfico 3), verificou como os professores considera que o conteúdo seria aceito pelos alunos e pela direção da escola.

Gráfico 3: Você considera que o conteúdo seria aceito pelos alunos e pela direção da escola?



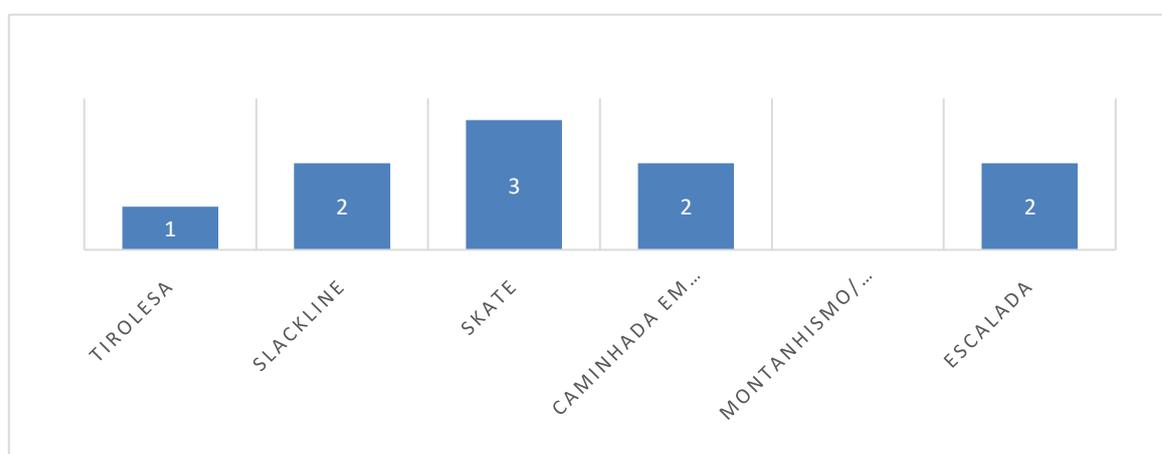
Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário aplicado.

O Prof-4 relatou que haveria aceitação tanto pelos alunos quanto pela direção, porém não tem condições de ser trabalhado, tendo em vista a realidade da escola, que não tem material e nem espaço suficiente.

O Prof-1 e o Prof-3 descrevem que por ser inovador e diferente, teria aceitação, sendo atividades novas, que chamam a atenção. Já o Prof-2 relata que não sabe se a direção aceitaria, porém não justificou.

A questão 5 almejava saber quais as Práticas Corporais na Natureza os professores achariam viável aplicar nas aulas de Educação Física.

Gráfico 4: Práticas Corporais na Natureza viável para aplicar nas aulas de Educação Física



Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário aplicado.

O Prof-4 deu a opção de aplicar *crossfit*, danças e caminhadas, além das citadas no gráfico. A prevalência de atividades foi o skate, em segundo a escalada, caminhada em trilhas e *slackline*. O Skate é uma prática em ascensão e que vem conquistando muitos jovens, e para Pereira e Armbrust (2010):

O skate é um esporte acessível a todas as classes sociais, praticado em sua maioria por jovens, principalmente adolescentes, que procuram através dele uma forma de encontrar identidade e fazer parte de um grupo. É uma atividade que carrega, além da prática esportiva, um conjunto de elementos sociais que o transformam em um estilo de vida (PEREIRA; ARMBRUST, 2010, p. 92).

A questão 6 busca verificar qual a importância das Práticas Corporais na Natureza, na opinião dos professores nas aulas de Educação Física. Os entrevistados se preocupam com a conscientização dos alunos em relação ao meio ambiente que por meio das práticas tem um maior contato com a natureza. Além de

saírem de uma rotina de aula que vem sendo praticada há muito tempo. O Prof-2 também comenta sobre trabalhar com o espírito esportivo do aluno, desenvolvendo emoções, sentimentos e prazeres: “Trabalhar o espírito esportivo, mexe com as emoções das crianças, ter mais contato com a natureza e também sair da rotina” (resposta ao questionário aplicado por OLIVEIRA, 2019).

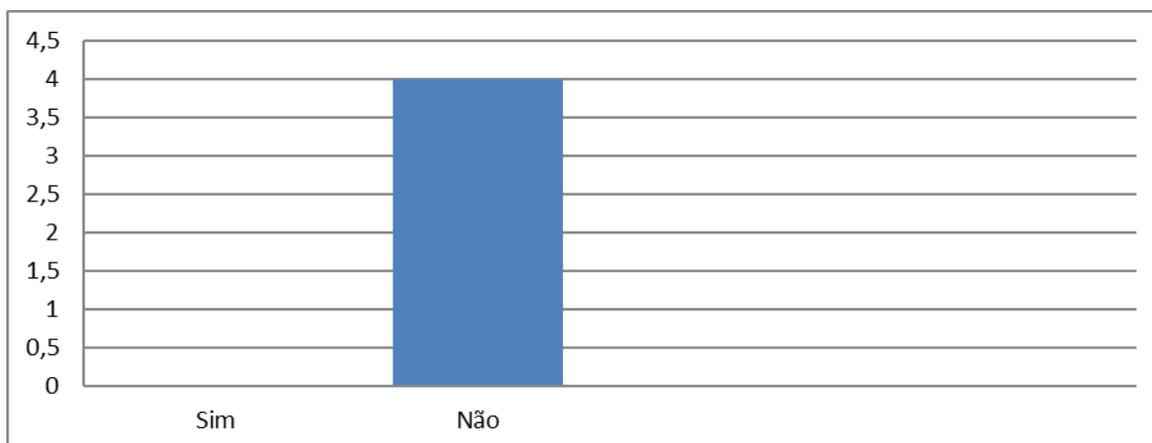
A partir das respostas, é possível constatar que essas práticas têm grande importância nas aulas de Educação Física, principalmente dos alunos de escola pública, em que é possível vivenciar atividades que estão longe de sua realidade, tornando-se uma aula diferenciada.

A questão 7 visou analisar qual a maior dificuldade que o professor encontraria se aplicasse as Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física, ou caso já desenvolveu, qual foi a dificuldade. Constataram que a maior dificuldade é a falta de espaço e de material. O Prof- 2 destacou que caso fosse uma atividade fora do ambiente escolar, seria uma dificuldade conseguir autorização dos pais para retirar os alunos da escola. Também foi mencionado pelo Prof-3 a oferta de um curso para os professores para que assim tivesse um melhor desenvolvimento das atividades e também pela questão de segurança.

A questão 8 buscou verificar se os professores consideram “perigoso” trabalhar Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física. No entanto percebemos que dentre os entrevistados, apenas um professor acha perigoso incluir as práticas nas aulas de Educação Física. Mas será que é perigoso mesmo? Segundo Pereira e Ambrust (2010, p.15) perigo é “uma situação que ameaça a existência de uma pessoa ou uma coisa, ou então é uma fonte potencial para provocar um dano. Podemos entender que perigo é uma situação percebida como danosa ou ruim”.

A questão 9 (representada no Gráfico 5) almejou saber se na matriz curricular, cursada pelos professores, tinha como componente a disciplina de Práticas Corporais na Natureza.

Gráfico 5: Em sua matriz curricular tinha como componente a disciplina de Práticas Corporais na Natureza?



Fonte: Elaborado pelo autor com base nas respostas do questionário aplicado.

Como as PCN são uma disciplina recente, alguns professores não tiveram em sua matriz curricular, o que se torna um obstáculo para desenvolver em suas aulas, pois não possuem conhecimento.

Essas práticas sendo incluídas na formação dos professores de Educação Física irão ajudar na superação do senso comum sobre essas atividades, em que apontará para novos sentidos e situações, auxiliando assim na formação crítica dos professores e conseqüentemente dos alunos.

Foi realizada observações de 4 aulas na referida escola, sendo possível analisar que os professores não desenvolvem nenhuma dessas práticas, pois afirmam que sem material não é possível desenvolver, e também pela falta de espaço. No entanto, basta o professor ser criativo e improvisar os materiais, podendo utilizar materiais recicláveis, adaptando o local, proporcionando aos seus alunos aulas diferenciadas. Outro óbice é a questão de falta de conhecimento do professor, que não procuram maior conhecimento para se atualizar e desenvolver atividades novas em suas aulas, não aplicando outras atividades que despertem o interesse dos alunos, ficando na mesmice dos jogos e esportes tradicionais, em que os meninos jogam futebol e as meninas jogam voleibol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as observações realizadas na escola, verificou-se que os professores de Educação Física não trabalham práticas corporais na natureza em suas aulas, tendo em consideração que o objetivo do presente trabalho foi verificar a aplicação das práticas corporais na natureza pelos professores nas aulas de Educação Física. No entanto por meio dos questionários constatou-se que os professores concordam em incluir essas práticas nas aulas, para que assim os alunos tenham novas vivências, proporcionando novos conhecimentos.

Por meio da pesquisa realizada e com o auxílio de autores renomados, pôde-se concluir que é necessário e suficiente que o professor busque atualização e experiências novas, sem ter medo de inovar suas aulas, trazendo para seus alunos atividades prazerosas, saindo da mesmice do cotidiano, pois na cultura em que vivemos é possível estabelecer novos nortes a se seguir para uma nova tendência de aula.

Através dos autores e da pesquisa foi possível constatar algumas soluções para os objetivos específicos. Por exemplo, brincadeiras como a Tirolesa, Skate, ou até mesmo um estilo de *Trekking* adaptado com obstáculos pode ser facilmente implantado no plano e aplicado em aula no próprio ambiente escolar. Outros exemplos de Esportes Radicais a serem inclusos nas aulas foram citados pelos próprios entrevistados, como o Rapel, o *Slackeline*, a Escalada, mas é claro com o conhecimento necessário, sempre priorizando a segurança dos alunos, já que estamos falando de Esportes Radicais.

Pelas respostas obtidas no questionário, pode ser destacada a necessidade dos professores ter na sua formação esse conteúdo, para que assim pudesse ter um maior conhecimento em relação a essas práticas. Também buscar cursos para se especializar e se aperfeiçoar para melhor desenvolver seus alunos.

As práticas Corporais de aventura (na natureza) é uma das unidades temáticas que compõem a BNCC, sendo caracterizada por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante, podendo ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Portanto todos os professores devem ter conhecimento dessas práticas.

REFERÊNCIAS

ABETA - Programa Aventura Segura. *Apostila do Curso de Sistema de Gestão de Segurança*. ABETA e Ministério do Turismo, 2007.

ALMEIDA, Cristina Pimentel Carneiro de; DACOSTA, Lamartine Pereira. *Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967 – 2007*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007.

ANDRADE, Lícia; SOARES, Geraldo; PINTO, Virgínia. *Oficinas ecológicas: uma proposta de mudanças – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996*.

ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física Escolar. In: *Simpósio Multidisciplinar: Universidade e responsabilidade social*. São Paulo. XVI Simpósio Multidisciplinar da USJT: Universidade responsabilidade social. São Paulo: USJT, 2008.

BARUFFI, Helder. *Metodologia da Pesquisa: manual para elaboração da monografia*. 3. ed. rev. e atual. Dourados: Hbedit, 2002.

BET, Carlos Juliano; SUKUKI, Claudio Shigueki. *Inclusão de esportes radicais de ação e aventura na Educação Física escolar*. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor- PDE. Artigos. Paraná, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base/ Ministério da Educação*. Brasília: CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 07 Agost. 2019.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Ministério da Educação. CNE/CEB. Brasília, 1999.

BRASIL. Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei das Diretrizes e Bases da Educação nacional: LDB*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei n. 9.795, 27 abr. 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a *Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Diário Oficial [da] União, Brasília, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm> Acesso em: 23 jul. 2019.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental / Secretaria de Educação Fundamental*. - Brasília: MEC / SEF, 1998.

BUSQUETES, Maria Dolores *et al. Temas Transversais em educação: bases para uma formação integral*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

CANTORANI, José Roberto Herrera; PILATTI, Luiz Alberto. O Nicho Esportes de Aventura: um processo de civilização ou descivilização? *EFDeportes*, Buenos Aires, ano 10, n.87, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CÁSSARO, Elizandro Ricardo. *Atividades de Aventura, aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá*. Monografia. Curso de Graduação em nível de Especialização; Educação Física na Educação Básica, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

DALBEN, André. DIÁLOGOS Entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre e a Educação Física Escolar. *MOVIMENTO*, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 903-914, out./dez. de 2015.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2015.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental*. Princípios e Práticas. 6º ed. Revisado e Ampliado pelo autor. São Paulo: Gaia, 2001.

DICKSON, T.; GRAY, T. *Risk Management in the Outdoors: A Whole of Organization Approach for Education, Sport and Recreation*. Melbourne, Austrália: Cambridge University Press, 2012.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. *Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo*. 2008. 1-136 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Programa De Pós-graduação Em Ciências Da Motricidade, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FRANCO, Laercio Claro Pereira *et al.* *Atividades Físicas de Aventura: Proposta De Um Conteúdo Na Educação Física Escolar No Ensino Fundamental*. Arquivos em Movimento, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011.

FRANCO, Laercio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; Oliveira, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014, p. 101-135.

GUIMARÃES, Mauro. *A Dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 2000.

HERDT, Mauri; LEONEL, Vilson. *Metodologia Científica*. 2 ed. Palhoça: Unisul virtual, 2005.

INACIO, Humberto Luís de Deus; MORAES, Thais Messias; SILVEIRA, Amanda Batista de. Educação Física e Educação Ambiental: Refletindo sobre a formação e atuação docente. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 11, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2013.

LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas: Autores Associados, 2009.

MARINHO, Alcyane. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. In: *Conexões: educação, esporte, lazer*. n.3, Campinas, dez, 1999. p. 33-41.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, Florianópolis: Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

MOREIRA, Ruy. *Marxismo e geografia (a geograficidade e o diálogo das ontologias)*. GEOgraphia, ano 6, n.11, p.21-37, 2004

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOREIRA, Ruy. A geografia e a educação ambiental: o modo de ver e pensar a relação ambiental na geografia. *Espaço em Revista*, v. 11, n.1, p.11-19, 2009.

PARLEBÁS, Pierre. *Perspectivas para uma Educação Física Moderna*. Espanha: Unisport, 1987.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, D. P. Esportes Radicais de Aventura e Ação, conceitos, classificações e características. *Corpoconsciência*, Santo André, v. 12, n. 1, p. 37-55, 2008.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. *Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola*. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental? 2*. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SANTOS, Jarbas Pereira *et al.* Esportes e atividades de aventura como conteúdo das aulas de educação física. EFDdesportes.com, *Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 18, n. 190, Março de 2014. Disponível em: <http://www.efdesportes.com/efd190/atividades-de-aventura-como-conteudodas-aulas.htm>. Acesso em 08 set. 2019.

SCHWARTZ, Gisele Maria. *et al. Atividades de aventura na natureza: reflexões sobre lazer, turismo e ética*. Campo Grande, 2005.

SILVA, Priscilla Pinto Costa da; SANTOS, Patricia de Jesus Costa dos; SANTOS, Ana Raquel Mendes dos. *Práticas corporais na natureza: O risco e os ritos*. Universidade de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba João Pessoa. Licere, Belo Horizonte, v.19, n.4, 2016.

SILVA, Priscilla Pinto Costa; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro. Emoções e riscos nas práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. *Motriz*. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 221-230, 2010.

SILVA, Priscilla Pinto Costa; AZEVEDO, Andréa Maria Pires; SILVA, Emilia Amélia Pinto Costa; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro. Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Ciência do Movimento*, 2010. P. 84-91.

SILVA, Renan Costa da. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade*. Blog, 2017. Disponível em: <blog.maxieduca.com.br/parâmetros-curriculares-nacionais/>. Acesso em: 08 de setembro de 2019.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. Presença de Atividades de Aventura na Educação Física Escolar. *Arquivos de Ciências do Esporte*, 2013. Disponível em: <<http://www.ufm.edu.br/>>. Acesso em: agosto/2019.

TALAMONI, Jandira Liria Biscalquini; SAMPAIO, Aloísio Costa. *Educação ambiental: práticas pedagógicas à cidadania*. São Paulo: Escrituras, 2003.

TAVARES, Francisco José Pereira. *A Educação Ambiental na Formação Inicial de Professores de Educação Física*. Rio Grande: 2002. 197 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Mestrado em Educação Ambiental) - FURG.

VARGAS, José Eduardo Nunes; TAVARES, Francisco José Pereira. A educação ambiental no contexto da Educação Física. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 10. n. 69, 2004.



APÊNDICE “1” OFÍCIO ENCAMINHADO À ESCOLA

À Escola Municipal XXXXXXXXXXXXX

Assunto: Solicitação para realização de pesquisa acadêmica.

Eu, Jaqueline dos Santos Oliveira, brasileira, solteira, inscrito no CPF: xxxxxxxx e no RG nº: xxxxxx, residente e domiciliada na cidade de Coronel Sapucaia-MS, na Rua: xxxxxxxxxxx, aluno regular do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdades Magsul, venho respeitosamente solicitar permissão para realização de uma pesquisa acadêmica no período de 1 (um) bimestre neste ano letivo de 2019 na referida escola, que fará parte de um Trabalho de Conclusão de Curso Interdisciplinar intitulado “As Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física em uma escola municipal de Coronel Sapucaia-MS”. Ressalta-se que as identidades da escola, bem como dos professores, serão preservadas na pesquisa.

Certo do atendimento do meu pedido, aguardo deferimento.

Ponta Porã-MS, 02 de setembro de 2019.

Acadêmico Jaqueline dos Santos Oliveira
Orientanda

Prof. Me. Silvano Ferreira de Araújo
Orientador



APÊNDICE “2”

TERMO DE COMPROMISSO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Sirvo-me desta para informar que atendo à solicitação de autorização para que Jaqueline dos Santos Oliveira, acadêmica do curso de Educação Física das Faculdades Magsul tenha acesso à Escola _____, para realização de pesquisa para a elaboração do seu trabalho de conclusão de curso, com o objetivo de analisar por meio de aplicação de um questionário, a importância das práticas corporais na natureza nas aulas de Educação Física e qual o nível de conhecimento no desenvolvimento destas práticas pelos professores em suas aulas.

Comprometo-me na qualidade de Coordenador Pedagógico desta escola a desenvolver aquilo que me compete com rigor e compromisso ao que se refere ao bom desenvolvimento do estudo e auxílio na coleta de dados. Entendendo que a coleta de dados e seus resultados serão para realização do Trabalho de Conclusão de Curso Interdisciplinar intitulado “As Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física em uma escola municipal de Coronel Sapucaia-MS”.

Destaco que estamos cientes da pesquisa e entendemos seus objetivos, e, enquanto instituição escolar, comprometemo-nos a oferecer total suporte no que diz respeito à realização da pesquisa descrita.

Ao mesmo tempo, LIBERO a utilização de fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor da pesquisadora, acima especificada. Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos decorrentes da aplicação do questionário, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo as imagens, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Ponta Porã-MS, 02 de Setembro de 2019.

Coordenador Pedagógico da Escola



APÊNDICE “3”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, desejo participar voluntariamente da pesquisa intitulada “As Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física em uma escola municipal de Coronel Sapucaia-MS”, que tem como objetivo destacar a importância das práticas corporais na natureza nas aulas de Educação Física, caracterizada pela pesquisa bibliográfica e de campo. Para a coleta de dados, elaboramos um questionário de forma aberta contendo oito perguntas direcionadas aos professores de Educação Física alvo da referida pesquisa. A metodologia utilizada na realização deste trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa.

Li o conteúdo do texto e entendi as informações relacionadas a minha participação e estou a par que minha identidade será preservada, ficando cientificado que não receberei benefícios financeiros, podendo desistir em qualquer etapa e retirar meu consentimento, sem penalidades, prejuízo ou perda.

Ponta Porã-MS, 02 de setembro de 2019.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do Pesquisador Responsável
Jaqueline dos Santos Oliveira



APÊNDICE “4”

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1 - Dados pessoais:

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

2 - Formação Universitária

Nome da instituição: _____

Cidade: _____

Professor: () Efetivo; () Contratado- Temporário

3 - Você já ouviu falar em Práticas Corporais na Natureza ou Esportes Radicais nas aulas de Educação Física?

() Sim () Não

Justifique: _____

4 - Em seus momentos de lazer, você pratica alguma atividade ao ar livre?

5 - Você gostaria de incluir Práticas Corporais na Natureza, como conteúdo, nas aulas de Educação Física? Por que?

() Sim () Não

6 - Você considera que o conteúdo seria aceito pelos alunos e pela direção da escola?

() Sim () Não

Justifique: _____

7 - Quais das Práticas Corporais na Natureza você acharia viável aplicar nas aulas de Educação Física? (Assinale três opções).

() Tirolesa; () Caminhada em trilhas (trekking);

() Slackline; () Montanhismo/rapel;

() Skate; () Escalada;

() outras: _____

8 - Na sua opinião qual a importância das Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física?

9 - Qual a maior dificuldade você encontraria se aplicasse as Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física? Caso já desenvolveu, qual foi?

10 - Você considera “perigoso” trabalhar Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física? Por quê?

11 - Em sua grade curricular tinha como componente a disciplina de Práticas Corporais na Natureza?

Você está participando voluntariamente da pesquisa intitulada “As Práticas Corporais na Natureza nas aulas de Educação Física em uma escola municipal de Coronel Sapucaia-MS”, desenvolvida pela acadêmica Jaqueline dos Santos Oliveira, do curso de Educação Física das Faculdades Magsul, na qual a identificação do respondente será sigilosa e preservada.